



COLEÇÃO
Documentos da
AMAZÔNIA

NUNES PEREIRA

HISTÓRIAS E VOCABULÁRIO DOS ÍNDIOS UITOTO

[DOCUMENTO Nº 156]

CULTURA



Edições
Governo do Estado



Os guerreiros, quando iam defrontar inimigos, se pintavam com urucu, denominado, em Uitoto, *nomóc*. As tatuagens de urucu, chamavam *hidóro*.

Os guerreiros se chamavam: VALICÔNE ou ROBAIME (matador), sendo encarregados de matar e de queimar as barracas.

O distintivo do chefe era uma faixa de tururi branco, que lhe cingia a cabeça. Os homens usavam tapa-sexo de tururi: as mulheres não usavam tangas, mas se menstruadas, usavam uma faixa de tururi, também.

Estar menstruada se dizia: *deiacité*.

Nessas condições só comiam beijus e mandubi. E trabalhavam à mão, na roça. Não podiam tocar em nenhum objeto ou comida pertencente a outrem. E não podiam falar com homens e mulheres da tribo, porque os dentes desses apodreceriam.

Nenhuma festa era realizada para celebração ao primeiro mênstruo por isso que aquele estado não a justificaria.



COLEÇÃO
Documentos da
AMAZÔNIA

Histórias e vocabulário dos índios uitoto

Documento n.º 156



GOVERNADOR DO AMAZONAS

OMAR AZIZ

VICE-GOVERNADOR DO AMAZONAS

JOSÉ MELO

SECRETÁRIO DE ESTADO DE CULTURA

ROBÉRIO BRAGA

SECRETARIA-EXECUTIVA

ELIZABETH CANTANHEDE

MIMOSA PAIVA

DIRETOR DO DEPARTAMENTO DE LITERATURA

ANTÔNIO AUSIER RAMOS

CULTURA
Secretaria de Estado

Av. Sete de Setembro, 1546

69005-141 – Manaus-AM-Brasil

Tels.: (92) 3633-2850 / 3633-3041 / 3633-1357

Fax.: (92) 3233-9973

E-mail: cultura@culturaamazonas.am.gov.br

www.culturaamazonas.am.gov.br

Nunes Pereira



COLEÇÃO
Documentos da
AMAZÔNIA

Histórias e vocabulário dos índios uitoto

Documento n.º 156



INSTITUTO DE ANTROPOLOGIA E ETNOLOGIA DO PARA
Sede provisória: MUSEU GOELDI

BELÉM- PARÁ- BRASIL

1951



© Nunes Pereira, 2012

EDITOR ¶ **Antônio Ausier Ramos**

SUPERVISÃO EDITORIAL ¶ **Jeordane Oliveira de Andrade**

CAPA ¶ **Ângelo Lopes**

PROJETO GRÁFICO ¶ **André Martins**

EDITORAÇÃO ELETRÔNICA ¶ **Gráfica Moderna**

REVISÃO ¶ **Sergio Luiz Pereira**

NORMALIZAÇÃO ¶ **Ediana Palma**

FRONTESPÍCIO: **Instantâneo fotográfico de uma índia Uitoto na Colônia de Amaturá.**

P436h Pereira, Nunes.

Histórias e vocabulário dos índios uitoto / Nunes Pereira. — Manaus: Governo do Estado do Amazonas – Secretaria de Estado de Cultura, 2012.

48p. ; 14x21cm. – nº 156. (Documentos da Amazônia).

ISBN 978-85-64218-50-5

1. História – Uitoto – Índios. 2. Vocabulário. 3. Aspectos Culturais. 4. Amazonas. I. Título. II. Série.

CDU 981.13(=1.81-82)

Somos um Amazonas cheio de orgulho da nossa gente, de nossas raízes, de nossa extraordinária vida cultural. Cada vez mais vamos investir no grande potencial da nossa cultura, na capital e no interior, com o foco na geração de oportunidades para novos talentos.

Omar Aziz

Mensagem proferida pelo governador Omar Aziz à Assembleia Legislativa do Estado do Amazonas em fevereiro de 2011.

Em maio de 1946 estive alguns dias em São Paulo de Olivença, sede do município do mesmo nome, no Estado do Amazonas, ali conhecendo José Antônio Abelardo, índio Uitoto, natural do rio Chorero, no IÇA COLUMBIANO, também geograficamente conhecido pelo nome de PUTUMAYO.

Dizia-se filho do chefe (Itiame ou Idiamá) COEGANEIMA, já falecido.

Como freguês dos Mafra, do lugar VENDAVAL, no rio Solimões, estava ali de passagem para o ALTO RIO JUNDIATUBA, bastante frequentado por causa das suas madeiras de lei.

Dele obtive as lendas ou histórias (*hafuédjóte*), que ora são dadas à estampa, o vocabulário e algumas notas acerca de certos aspectos culturais da sua tribo. Não obstante conhecesse eu as obras de Crévaux, Martius, Preuss, Tessmann, Koch-Grünberg e, também, os trabalhos dos franciscanos de Sibundoy (Putumayo, Colombia), através das páginas da revista AMAZÔNIA COLOMBIA NA AMERICANISTA, órgão semestral da CILEAC (Centro de Investigaciones Linguísticas e Etnológicas de la Amazonia Colombiana), achei que esse material poderia ser utilizado amanhã num estudo comparativo, por exemplo, do que já se conhece dos UITOTO, localizados, segundo Koch-Grünberg; entre 72° e 79°, de longitude, ao oeste de Paris, e dos MIRANHA, localizados, a partir do lago de Tefé, até os nossos limites com a Colômbia, no Japurá, isto é, em território brasileiro.

Aliás, idêntico pensamento foi expresso pelo p. Marcelino de Castelví, O. F. M., cap. diretor da revista acima citada, quando, apreciando os DATOS MITOLÓGICOS DE LOS HUITOTOS de la Chorrera, do P. Plácido de Calella, O. F. M., cap. escreveu:

“Para que más tarde pueda fijarse con precisión sobre que áreas amazónicas se extiende cada una de las variantes mitológicas de los huitotos y cuales influencias haya recibido, se intenta comprobar y completar ahora la múltiple información existente, practicando sondeos en

diferentes informadores de cada tribu y repitiendo encuestas en los extremos del área huitoto y en sus numerosas enclaves”.

É verdade que, abaixo de São Paulo de Olivença, em MATAURÁ, perto da MISSÃO DOS FRANCISCANOS, dirigida por FREI PIO, talvez um grupo de UITOTO, para ali transplantado, me pudesse fornecer mais numerosas e interessantes lendas ou histórias dessa tribo, cujo martirologio no PUTUMAYO, ao tempo do *rush* do caucho, SIR ROGER CASEMENT denunciou ao mundo civilizado, revelando, entre outros fatos, que a produção de quatro mil toneladas de caucho, entre 1900 e 1911, havia custado a vida a trinta mil indígenas, não havendo, creio eu, custado menos vidas de indígenas a exploração dos seringais brasileiros da Amazônia.

No entanto, o meu trabalho é também uma sondagem na mentalidade de um informante UITOTO, desenraizado do seu meio, mas conservando na sua memória elementos da vida social e da vida mitológica da sua gente.

Que este trabalho possa ser proveitoso a qualquer pesquisador dos aspectos culturais desse infeliz povo, na Colômbia ou no Brasil, é quanto almejo.

Pará – Belém, junho de 1951.

N. P.

ASPECTOS CULTURAIS DOS UITOTO

A nação UITOTO se compunha de diversos clãs, assim denominados:

IVICUENA (pimenta)
CIUÊNE (taboca)
NOGÔME (panela)
DORIVO (paxiúba)
RODIÊGURO (frio)
MONANIÇA (céu)
QUITOBÊGE (veado-capoeira)
RAIOVO (cobra)
OCIGUÊNE (maniva)
TALFÊEO (diabo)
NÊMENE (ananás)

José Antônio Abelardo, meu informante uitoto, depois de esclarecer que a sua gente procedia do norte do Peru, me disse ser do clã IVICUENA, porque seu pai era IVICUENA; sua mãe, porém, era CIUÊNE.

Cada uma dessas nações tinha uma gíria própria; todas, entretanto, não compreendiam e nem falavam a língua UITOTO. Os dos clãs IVICUENA, OIUÊNE e QUITOBÊGE falavam o Uitoto ou VITOTO, como José Antônio Abelardo pronunciava.

As principais figuras da tribo eram o chefe, denominado ITIAME ou IDIAMA, e o medicine-man ou pajé, denominado ALMA.

O chefe era escolhido pela tribo. Morto o chefe, porém, seu irmão mais velho o substituíria, depois outro irmão, enfim, todos os demais irmãos, até recair sobre o primogênito.

O pajé recebia do chefe ordens para curar este ou aquele doente e estava obrigado a ensinar a sua arte aos jovens, para que a tribo não ficasse sem médico e sacerdote.

A tribo contava com dois chefes militares: FUIRIRAMA.



Tipo de tatuagem masculina em um índio Uitoto

Os guerreiros, quando iam defrontar inimigos, se pintavam com urucu, denominado, em Uitoto, *nomóc*. As tatuagens de urucu, chamavam *hidóro*.

Os guerreiros se chamavam: VALICÔNE ou ROBAIME (matador), sendo encarregados de matar e de queimar as barracas.

O distintivo do chefe era uma faixa de tururi branco, que lhe cingia a cabeça. Os homens usavam tapa-sexo de tururi: as mulheres não usavam tangas, mas se menstruadas, usavam uma faixa de tururi, também.

Estar menstruada se dizia: *deiacité*.

Nessas condições só comiam beijus e mandubi. E trabalhavam à mão, na roça. Não podiam tocar em nenhum objeto ou comida pertencente a outrem. E não podiam falar com homens e mulheres da tribo, porque os dentes desses apodreceriam.

Nenhuma festa era realizada para celebração ao primeiro mênstruo por isso que aquele estado não a justificaria.

Para lhe limpar o estômago, davam-lhe de beber água de *cedrereila*.

Para se casarem obedeciam à seguinte tradição: o pretendente à mulher, pedia-a ao pai e, se ela fosse órfã, pedia ao tio mais velho e, assim, sucessivamente, até pedi-la ao avô ou à mãe.

– *Oiçana hi táde* – dizia o pretendente.

E o pai da moça respondia, desdenhando:

– *Rariéde* – preguiçoso.

O pretendente propunha-se a trabalhar na roça durante o ano:

– *Iecedei hitaíde*.

O velho consentia:

– *Uño!* – leva!

O pretendente era assim obrigado a trabalhar para o sogro. Quando acabava de trabalhar levava a mulher para a casa dos seus pais. Eram monógamos. Não admitiam relações entre parentes próximos. Ao encontrar uma tia o sobrinho voltava o rosto de lado e a deivava passar.

Quando nascia uma criança não faziam festa, mas obedeciam a um resguardo que chamavam *fuimáde*.

Ao umbigo da criança, que a própria mãe cortava, chamavam *rêquima*.

Se a criança era do sexo masculino o pai lhe dava um destes nomes:

HIHIRUMA
BOINADJAI
HIFIGUIMA
NOICÔDO
REGUETOMA
NOINIQUE

Se a criança era do sexo feminino, o pai lhe dava um destes nomes:

COMINOIBINANUN
GUERERANI
HIRÁCADIÊNE

As mães carregavam os filhos em tipoias, que eram feitas de tururi branco, sendo algumas artisticamente pintadas.

Morto qualquer indivíduo, era enterrado no centro da casa, que continuava a ser habitada pela família. Era enfai-xado (entaniçado) com tururi e enterrado deitado.

Não festejavam os mortos como não festejavam, tam-bém, casamento.

O chefe e o filho deste usavam uma coroa de penas de papagaio, que criavam para esse fim.

As mulheres usavam um brinco feito de uruá, chamado BURUGUE.

A sua arma principal era a zarabatana, feita da madeira denominada *punã*, que se encontra na terra firme, da qual retiravam o amago, chamavam-na COMÊQUE. E como ve-neno para as pequenas flechas usavam o ALFÓIA, prepara-do com raspas do cipó do mesmo nome.

O velho que o preparava nada comia, enquanto o es-tava cozinhando, e ia buscar água para a juntar à panela de barro, retendo o fôlego, porque, se assim não o fizesse, o veneno ficaria fraco, sem ação enérgica e imediata.

Não comiam o peixe acará-açu, nem o davam aos fi-lhos, porque acreditavam que do ocelo do mesmo provi-nham feridas.

Faziam vinhos com goma e caldos de frutos: ananás, buriti. Não bebiam vinhos altamente fermentados para que não brigassem entre si.

Cozinhavam as folhas do fumo até dar-lhes consistência pastosa apurando o mel. E comiam-no assim.

Mascavam as folhas do arbusto denominado GIBOI, que não era outra planta senão a da coca. Aspiravam-lhe o pó das folhas, torradas e trituradas, de mistura com a cinza da embaúba (uma cecrópia).

Castigavam o vício do onanismo nas meninas e nos meninos com surras de cipó.

ALGUMAS LENDAS OU HISTÓRIA DOS ÍNDIOS UITOTO

(Contadas pelo índio José Antônio Abelardo, natural do Rio Chorero, no iça colombiano, em maio de 1916)

História dos gêmeos

No começo do mundo existiam dois chefes poderosos, chamados Mogore Hitoma e Heririama Nocaido.

Este era solteiro e aquele era casado com uma mulher chamada Hicebéne Alfuéde.

Um dia Hitoma desconfiou que Nocaido estava cobijando sua mulher. Nocaide era o Tucano. Andava em redor da casa de Hitoma, com o bico arrastando pelo chão, sacudindo a cabeça, de um lado para o outro, e espiando para dentro, pois a mulher deste estava ali.

Hitoma ficou cheio de ciúme e resolveu afastar Nocaido, – o Tucano – da sua vizinhança.

Jogou-lhe piolhos sobre a cabeça. Muitos, muitos piolhos.

Mas o Tucano inventou o pente e, passando-o pela cabeça, tirou e matou todos os piolhos.

E, vingando-se de Hitoma, lhe jogou aos pés muitas pulgas, para que os bichos de pé o aborrecessem, também.

Mas Hitoma inventou o leite de sorva e o passou nos pés, afastando as pulgas.

Como ciúme de Hitoma não o deixava sossegar, Hitoma resolveu matar o Tucano.

Apanhou sua zarabatana e atirou uma flechinha envenenada no Tucano e Tucano caiu logo, ali mesmo, morto.

Hitoma, como não tinha panela, levou o Tucano morto para casa de um amigo, bem longe, a fim de festejar a morte do seu inimigo.

Mas o Tucano havia feito um acordo com o Gaimo, que era uma onça. No caso de ele ser morto por alguém o

Gaimo passaria a ser o chefe, ocupando-lhe o cargo, e lhe vingaria a morte.

O Gaimo foi, então, esperar Hitoma na beira de um igarapé, perto do lugar onde o matador do Tucano costumava tomar banho. No outro dia, quando Hitoma chegou da roça, falou com a mulher e foi logo tomar banho, levando consigo um dos seus filhos - o maior. Os dois outros: eram gêmeos e haviam nascido naqueles dias.

Então, o Gaimo saltou sobre Hitoma e o matou. O filho dele se escondeu, tremendo de medo, debaixo de um pau. E virou Bacurau. O Gaimo comeu o fígado, as tripas, o coração de Hitoma, ali mesmo. Depois, cobriu o resto de sua embiara com as folhas e só veio acabar de comê-lo no dia seguinte.

No chão ficaram só os ossos.

A água do igarapé e a terra do barranco que caía, cobriram os ossos, de Hitoma.

O Gaimo foi-se embora para casa, muito alegre porque cumprira a promessa feita a seu amigo, o Tucano.

Hitoma matara a Tucana sem-razão; só por ciúme de sua mulher que era bonita e namorada.

Hicebéme Alfuéde, mulher de Hitoma, ficando viúva, cuidou dos filhos gêmeos. E quando ia tomar banha no igarapé, levava-as consigo.

Os meninos, assim, foram ficando fortes e logo começaram a andar; mas eram muito pequeninos.

Esses meninos se chamavam Manaro Hitoma e Ficido Hicéma. Quando começaram a falar, um deles, muito ladino, perguntou à sua mãe:

– Onde está nosso pai?

Conta...

– Vocês nunca tiveram pai – mentiu a mulher.

– Como foi que nós nascemos?

– Peguei um punhado de breu que o Cunuaru me deu, e esfreguei na barriga. Então, vocês nasceram poucos dias depois.

A mulher estava mentindo.

No outro dia o menino perguntou de novo:

– Onde está nosso pai? Conta...

– Vocês nunca tiveram pai. Vocês saíram da barriga da minha perna.

Um dos meninos foi espiar a barriga da perna da mulher, olhou, olhou e disse ao irmão:

– Nossa mãe está mentindo. No outra dia um dos gêmeos perguntou à sua mãe:

– Onde está nosso pai? Conta...

– Vocês nunca tiveram pai. Eu fiz vocês de breu.

Os meninos foram apanhar breu e fizeram um boneco. Mas esse boneco não andava e nem falava.

Esfregaram a boneco na costa e no sexo da mulher. O boneco não andou e nem falou.

– Nossa mãe mentiu – disseram entre si.

No outro dia foram tomar banho no igarapé. E encontraram o peixe Jacundá com a mulher e os filhos.

O Jacundá lhes contou como é que a mulher dele tinha tido aqueles jacundazinhos, que eram seus filhos. Os gêmeos compreenderam tudo e disseram:

– Nossa mãe mentiu.

Voltaram para casa. A mãe deles estava na beira do fogo assando comida. Nas costas da mulher eles viram muitas cabas. Então, com as suas flechinhas foram caçando as cabas da costa da mulher.

Uma das flechinhas picou a mulher. E ela pulou, vendo que havia sido flechada pelos filhos.

– Vocês são como meu marido, o pai de vocês: estão matando cabas da minha costa, como ele matava. Sem querer, a mulher estava dizendo que eles também tinham tido pai.

– E onde está nosso pai?

– Morreu queimado numa coivara.

Os meninos foram buscar paus e folhas e fizeram uma coivara. Um deles pagou o outro pelos braços e o jogou na coivara. O menino saiu de dentro da coivara, rindo para o irmão.

– Nossa mãe mentiu – disseram entre si.

E perguntaram-lhe:

– Onde está nosso pai? Conta...

– Ele subiu naquele pau alto e caiu de lá de cima, morrendo. Um dos meninos subiu ao pau e se jogou do galho mais alto. Mas caiu de pé, diante do irmão.

– Nossa mãe mentiu – disseram.

E foram, de novo, perguntar à mulher:

– Onde está nosso pai? Conta...

– Anda por aí uma bola, aos pulos, pelos matos. Dentro dela estão pedaços de carne e de osso, de cabelos, da gente que ela matou. Foi ela que matou o pai de vocês. Procurem essa bola.

A mulher queria que a bola matasse também os seus filhos.

Os dois irmãos saíram à procura da bola.

E a encontraram. Era uma bola enorme. Um dos gêmeos disse:

– Deixa que eu agarre essa bola.

A bola veio saltando, saltando na direção deles. O menino quis apará-la com um dos joelhos. A bola caiu sobre ele e o esmagou.

O irmão dele, de longe, viu o que aconteceu. Pôs-se a chorar, sentado num pau. A alma do menino morto lhe disse:

– Mano, vai procurar a palmeira marajá e, em cima de uma das suas folhas, acharás um ovo de beija-flor. Eu estou encantado dentro daquele ovinho.

O menino se levantou e foi pelos matos procurar a palmeira marajá e o ovinho de beija-flor.

Achou a palmeira marajá e achou o ovinho de beija-flor, em cima de uma folha. Agarrou o ovinho. Dentro dele o beija-florzinho estava batendo com o bico na coroa do ovo para furar.

O menino apanhou um espinho e furou o ovo. O espinho entrou num dos olhos do beija-flor, furando-o. O beija-flor ficou cego de um lado só.

Saiu de dentro do ovo e se pôs a voar em volta das flores do mato, perto. O irmão o chamou:

- Vamos embora para nossa casa.
- Não. Vamos ver nossos tios – os pajés.

Os tios deles eram todos os peixes. E eram pajés porque sabiam artes mágicas, curar doentes, afastar moléstias. Os dois irmãos foram. E contaram o que lhes acontecera aos tios. Os tios fizeram o beija-flor se transformar num menino, mas esse menino era caolho, só tinha uma vista: a direita. Os meninos se despediram dos tios e voltaram para casa. A mãe deles estava na roça.

O menino que era caolho entrou em casa correndo e saltando. Depois ficou escondido num canto da casa, dali conversando com o irmão.

– Nossa mãe mentiu, ela nos está enganando sempre. Ela não quer contar como morreu nosso pai.

Alfuéde, mulher de Hitoma, vinha entrando em casa e ouviu a voz de um dos filhos.

- Com quem estás conversando?
- Sozinho. Eu sou homem e posso conversar comigo mesmo. Nisso, o outro menino saiu do lugar onde estava escondido e foi logo perguntando à mãe:

– Onde está nosso pai? Conta...

A mulher disse:

– Vejam! Os passarinhos e todos os bichos de pena estão comendo os frutos das nossas árvores. Andem! Matem eles!

– Nossas flechinhas não têm veneno. Onde está a zarabatana e as flechinhas e o pote de veneno de nosso pai? Onde está o veneno?

– Fechem os olhos que eu ponho veneno nas flechinhas de vocês.

Um menino tapou os dois olhos, mas o caolho só tapou o furado e viu, por entre os dedos das mãos, o que sua mãe fazia.

Ela abriu as pernas e meteu as flechinhas no seu sexo.

– Agora, abram os olhos. E tomem as flechinhas de vocês. Agora elas já matam.

Os meninos começaram a flechar as aves, os pássaros, no alto dos abieiros, dos ingazeiros, dos açazeiros, das bacabeiras.

A mulher ia ajuntando os pássaros e as aves que caíam mortos e os metia numa panela. Assim, todo dia, levava comida para o seu companheiro. Os meninos cercaram depois outras árvores mais distantes de casa, que ficaram limpas de aves e de pássaros.

Mas havia um mapati com os galhos cheios de aves e de pássaros. Os meninos foram procurá-lo e mataram todas as aves e todos os pássaros, que encontravam.

Flecharam até a Borboleta Azul na ilharga. A Borboleta Azul caiu ao chão, flechada. E pediu aos gêmeos:

– Curem-me, curem-me!

O caolho dizia:

– Não! Não cura, irmão! Deixa que ela morra!

– Curem-me! Curem-me! – pedia a Borboleta Azul.

– Não cura, não cura, pedia o caolho.

– Curem-me, que eu conto quem era o pai de vocês e como ele morreu.

O caolho disse ao irmão:

– Então cura a Borboleta Azul.

O irmão tirou a flechinha da ilharga da Borboleta Azul e pôs na ferida um pedaço de concha do rio.

A Borboleta Azul, assim que se viu curada, escapuliu das mãos dos meninos e desapareceu no meio da copa de uma árvore alta, alta.

Então os meninos continuaram a caçar. E flecharam um Pica-pau pequeno, que estava num abieiro.

O Pica-pau caiu no chão, gritando:

– Curem-me, curem-me!

Ficido Hicéma – o caolho – porém gritava:

– Não cura! Não cura!

– Cura-me, cura-me! E eu contarei quem era o pai de vocês e como ele morreu.

– Então cura! – aconselhou o caolho ao irmão.

Monaro Hitoma perguntou ao Pica-pauzinho:

– Tu não me enganas?
– Eu não sei contar bem, mas outro Pica-pau – o Grande – conta bem.

Os meninos curaram o Pica-pauzinho e o soltaram. Continuando a caçar, os meninos encontraram o Pica-pau grande. Hitoma o flechou. O Pica-pau grande caiu gritando:

– Curem-me, curem-me!

E o caolho gritava:

– Agarre bem esse Pica-pau. Agarre bem!

Monaro Hitoma o agarrou com ambas as mãos.

– Cura-me, cura-me, que eu conto quem era o pai de vocês e quem o matou.

Ficido Hicéma gritou:

– Conta! Conta! E nós te curaremos.

– O pai de vocês era Magore Hitoma. A onça Gaimo o comeu. A mãe de vocês mentiu. O Gaimo mora aí na ponta do pau tinumboca. A zarabatana dele está na cumeeira da casa e o pote de veneno e as flechinhas estão entre as palhas.

Quando o Pica-pau estava contando isso o Tamaquaré caiu da cumeeira da casa e sacudiu a mão na direção da zarabatana e do pote de veneno.

A mãe dos meninos disse:

– Este é o tio de vocês.

O Pica-pau grande disse:

– É mentira. A mãe de vocês está mentindo. O Tamaquaré vai mostrar somente onde estão a zarabatana, as flechinhas e o pote de veneno do pai de vocês.

A mulher foi embora com raiva. E o Pica-pau grande continuou a contar:

– O Gaimo mora no oco do pau, bem no alto, e, rente ao pau, desce um cipó. Quem esbarra no cipó avisa, sem querer, que, em baixo da tinumboca, tem gente.

Mas o Gaimo não aparece logo. Quem aparece primeiro é o seu criado – o Macaco da Noite. Tu pões um cesto de terra no ombro e um tronco de embaúba com folhas. E tu levás a zarabatana com flechas bem envenenadas. Chegando ao pé da tinumboca – que é a casa do Gaimo –, sacode

o cipó. O Macaco da Noite virá espiar primeiro quem é. E tu, Hitoma, te esconderás. E ele, assim, não verá teu irmão que deverá ficar debaixo da terra e sob folhas de embaúba, dentro do cesto. Então sacode o cipó, de novo. E o Gaimo aparecerá. Flecha-o logo, flecha no membro dele.

Vai enganar a onça, tu, primeiro, disse o Pica-pau a Ficido Hicéma. O menino foi. E Hitoma foi atrás dele, soltando o Pica-pau grande que foi embora, curado.

Os meninos fizeram como o Pica-pau grande lhes ensinou. Ficido sacudiu o cipó, com a embaúba.

Apareceu primeiro o Macaco da Noite. Espiou, espizou mas só viu a embaúba e o cesto de terra. Ficido disse ao irmão:

– Ainda não é ele. É o criado.

E puxou de novo o cipó.

A Onça apareceu. Pôs só a cabeça de fora e depois saiu de dentro do oco do pau.

– Agora é o Gaimo, disse Ficido ao irmão. Flecha o membro dele. Hitoma lhe flechou o membro. E o Gaimo caiu do alto da tinumboca e morreu.

Todos os bichos do lugar, pássaros, aves, macacos, vedados, porcos, cotias, ratos, ficaram contentes, porque eram gente de Hitoma, parente dele.

A mãe dos meninos gritou:

– Quem foi que contou a vocês?

Os meninos não responderam. Hitoma tirou um dente da Onça para os suspender aos seus colares. E tirou-lhe o couro, que secou ao sol, para se cobrir com ele. E, com o dente da traíra, começou a fazer um buraco no dente da Onça. E o irmão dele o ajudava também.

Quando a mãe dele ouviu o barulho do dente da traíra furando o dente da Onça, disse-lhe:

– Para furar mais depressa sopra o pó que vai saindo do buraco. O menino soprou com força. O pó caiu nos olhos do irmão e nos seus olhos. E esse pó virou formiga de fogo.

Os meninos se puseram a gritar, não suportando as dores que as ferroadas das formigas lhes causavam. Ficaram como cegos. A mãe deles os havia enganado.

Assim que as dores passaram os meninos voaram para o céu. Ali acabariam de furar o dente da Onça que queriam suspender aos seus colares.

O Pica-pau grande foi procurá-los no céu e contou:

– Hitoma, pai de vocês, matou o chefe Heririama No-caído – o Tucano – com ciúme da mãe de vocês. Mas o Gaimo, que era o companheiro dela e amigo do Tucano, foi quem comeu o pai de vocês. Contou isso e voltou para a terra.

Depois de muitos verões os meninos voltaram do céu. Hicebéne Alfuéde, mãe deles, já estava velha. E morava sozinha.

– Meu filhinho, disse a Monaro Hitoma, depois que vocês foram embora não tive ninguém que tomasse conta de minha roça e das minhas fruteiras. Os ratos roem as minhas macaxeiras e os meus carás. E os passarinhos comem os meus mapatis, os meus abios, as minhas pupunhas, as minhas bananas. Botem já uma armadilha para pegar esses ratos. E matem, flechem, flechem os passarinhos.

No dia seguinte os meninos, de manhã cedo, foram botar armadilha. E voltaram para casa. A velha os chamou:

– Agora, tirem os bichos do meu pé. Tu, disse a Monaro Hitoma, tira os bichos do meu pé direito e põe urucu nos buraquinhos. E tu, Ficido Hicéma, tira os bichos do meu pé esquerdo e põe carvão nos buraquinhos.

Os dois passaram o dia inteiro tirando bichos e pulgas dos pés da velha. Depois dormiram. E, antes de amanhecer, foram espiar a armadilha. Ainda era noite no mato. A armadilha estava pesada e por terra. Os meninos voltaram para casa e falaram:

– Ei, mamãe, nossa armadilha está cheia de ratos.

– Traz, respondeu a velha.

Ela já estava morta, mas o espírito dela ainda estava falando. Monaro Hitoma se sentou perto do fogo, que já estava quase apagado.

Ficido Hicéma lhe disse:

– Meu irmão, não era nossa mãe quem estava na armadilha?

– Vamos espiar?

– Vamos.

Foram.

– Espia, espia aqui o pé da velha, com os buraquinhos de bicho de pulga, cheios de urucu, disse Monaro Hitoma.

– Espia, espia este pé com buraquinhos cheios de carvão, disse Ficido Hicéma. É nossa mãe. Ela vivia com pena do seu amigo o Gaimo – e ainda queria nos enganar.

– Vamos enterrá-la? – perguntou Monaro Hitoma.

– Não temos fogo.

O outro disse:

– Lá em baixo está um homem fazendo tapagens. Ele tem fogo.

Vamos buscar fogo?

O outro disse:

– Vai tu só.

Ficido Hicéma encheu a boca de algodão, transformou-se num beija-flor e voou no rumo da tapagem. E, batendo nela, caiu perto do homem. O filhinho de homem, que estava ali, viu o beija-flor cair ao chão e pediu ao pai:

– Agarra-o, agarra-o para eu criar.

O beija-flor se pôs a tremer. Todo o corpo dele tremia. O homem, então, o pôs perto do fogo, que estava estalando e chispando.

O beija-flor foi logo enchendo a boca e o papo de chispa. O menino gritou:

– Papai, o beija-flor está comendo fogo.

– Então aviva bem o fogo, para ele comer as chispas e as brasinhas.

O menino fez.

Quando o beija-flor estava com o papo cheio de chispas e de brasinhas levantou voo e fugiu.

O menino gritou:

– Papai, o xirimbabo levou o fogo.

O pai disse:

– Não faz mal. Deixa que leve. O fogo que ele roubou se acaba. O meu fogo nunca se acaba.

O beija-flor chegou ao lugar onde Monaro Hitoma ficara, e voltou a ser menino. O menino Ficido Hicéma, que só tinha um olho. Então. Monaro Hitoma e ele fizeram uma grande fogueira e atearam fogo nela. Depois arrastaram o cadáver da velha e o jogaram na fogueira. Quando a fogueira se acabou tiraram os ossos da velha e os enterraram. E choraram, choraram. Depois, foram embora para o centro da terra dos Uitoto.

Uma tarde, encontraram o sapo Ó-daque, à beira de um buraco, cantando: hu! hu! hu!

O caolho disse:

– A alma da nossa mãe entrou por aqui. Vamos cavar?

– Não! Não é a alma da nossa mãe.

– É, teimou o caolho.

– Então, vamos cavar.

Cavaram, cavaram, cavaram. E fizeram um buraco enorme, mas não acharam o sapo Ó-daque, que estava cantando à entrada do buraco que eles haviam cavado tanto.

Hitoma jogava a terra de dentro do buraco com um cesto. Depois, sentou-se no chão e começou a fazer o membro do Gaimo com o barro que seu irmão jogava de dentro do buraco.

Hitoma lhe disse:

– Não é a casa do sapo Ó-daque. Aqui não tem gente.

O caolho, do lado de fora, fazendo o membro do Gaimo, teimava:

– Tem, tem! Está cantando.

– Foi a juruti que cantou.

– Não! Não foi a juruti que cantou. Fol gente.

O sapo Ó-daque era gente.

Hitoma se aborreceu e saiu de dentro do buraco. E correu no rumo daquele canto. O caolho foi atrás dele e encontrou um homem que estava cantando assim:

**Vem conversar comigo
e eu te contarei
como teu pai morreu.**

Ficido se zangou e, pensando que era carne e eram beijos, que estavam perto do homem, bateu naquilo com os pés. A carne era um bolo de saúva e os beijos eram lama e areia.

– Isto não é carne e nem é tapioca. É saúva e areia e lama, disse Ficido.

Hitoma disse:

– E, agora, como é que vamos pagar essa carne e esses beijos? Isto era carne e eram beijos.

– Não era, teimou caolho. Vamos com o nosso tio, que é o Dono do Sono, e está dormindo sempre.

O tio deles não era gente, mas cobra.

– Ele está sempre dormindo! Ele é Dono do Sono.

Andaram, andaram e chegaram à casa do tio.

Hitoma, então, bateu com a zarabatana na ilharga do velho. O velho acordou, mas não abriu os olhos, que estavam cheios de sono e de ramela. Hitoma lhe contou:

– Nossa gente está se acabando.

– Já sei – disse o velho.

– Me dá do teu sono, me dá a tua ramela – pediu Hitoma.

– Me dá, me dá – pediu Ficido. – Nossa gente está apodrecendo.

O tio disse a Hitoma:

– Arranca folha de milho.

Os meninos arrancaram e deram ao tio.

– Fechem os olhos – disse o tio.

Hitoma fechou os olhos, mas Ficido tapou os seus olhos, espiou por entre os dedos. O velho tirou um pouco

da ramela e de sono, embrulhou tudo nas folhas de milho, amarrou bem com envira, mandou que os meninos cobrissem bem os olhos e entregou o embrulho a Hitoma.

– Leva! Lá longe está um homem que é o Dono do Raio. Vai, e, quando estiveres perto dele, acena só com este embrulho. Não o abre nunca. Eu só tenho este resto de sono que te dei agora.

Os meninos foram procurar o Dono do Raio. No caminho encontraram um passarinho que se pôs a cantar: qui, qui, qui!

– Ouviste? – perguntou o caolho ao irmão. – Ele está dizendo: desmancha, desmancha!

Vamos desmanchar este embrulho?

– Não – respondeu-lhe Hitoma.

– Vamos desmanchar! O tio não pôs todo o sono aqui. Ele mentiu. Ficou com mais sono. Não vês? Todos os pássaros sabem. Vamos desmanchar! Vamos desmanchar?

E, tanto pediu e teimou, que Hitoma desmanchou o embrulho. Imediatamente caíram por terra e foram cabeceando e fechando os olhos.

A Sanguessuga e sua gente viram os dois meninos dormindo e chuparam todo o sangue do que era caolho.

Como Hitoma estava embrulhado no couro do Gaimo, as sanguessugas só lhe chuparam o sangue dos braços. Por isso ele pôde acordar no outro dia.

Ficido estava estendido no chão, dormindo como se estivesse morto. Hitoma se levantou, arrancou as sanguessugas dos braços e das pernas. Depois, com um pau, levantou o corpo do irmão e foi banhar-se e banhar Ficido, dizendo-lhe:

– Tu estás sempre me dando trabalho e aborrecimentos, porque és teimoso. Foi para isso que eu te tirei de dentro de um ovo de beija-flor? Agora, onde vamos achar sono?

O teimoso disse:

– Nosso tio tem mais.

– Nosso tio não tem mais. E não nos dará se ainda tiver, porque fomos desobedientes e desmanchamos o embrulho.

– Vamos procurar nosso tio – insistiu Ficido.

E foram de novo. No caminho o caolho disse:

– Vamos matar primeiro alguns pássaros. Nosso tio gosta de pássaros. E se lhe levarmos bastante ele ainda nos arranjará um pouco.

Foram, matando passaras e guardando-os para o tio Dono do Sono. Andaram, andaram. Mias chegando à casa onde o tio morava, não o encontraram. O caolho disse:

– Ele sabia que nós vínhamos no caminho e se escondeu. Bom. Não faz mal. Chama o Dono do Vento e o Dono do Trovão.

Hitoma começou a chamar, como o irmão lhe aconselhara, mas chamando baixo, com receio de ver cair um temporal. Mas Ficido gritava:

– Meu pai tira assim. Briga com a sua mulher, abraçado, e vira um espelho de um lado para o outro. Faz assim com teu irmão.

Ficido fez como a moça ensinou. E pôde pegar o raio macho que estava escondido no esteio. Em seguida arrebatou o abiu das mãos da moça. E os dois irmãos fugiram, correndo.

A moça gritou. Aí o pai dela – que se chamava Ameona – apareceu. E foi atrás dos dois, correndo, correndo, até que pegou Hitoma e tomou o raio das mãos dele.

– Por que não me pediu?

– Porque nossa gente está morrendo. Matando os bichos que são nossos inimigos, nós, depois, te entregaremos o raio.

– Tira esta vara – disse-lhe Ameona.

Os meninos tiraram a vara e Ameona passou urucu na vara. E experimentou num pau a força daquele raio. O pau arrebentou-se, lascando-se e queimando-se.

– Agora – disse Ameona – com este podes matar os inimigos da tua gente.

Os meninos foram embora, levando a vara. Então, encontraram os bichos que estavam comendo a gente de Hitoma e de Ficido.

Os bichos estavam chorando, porque já sabiam que os dois levavam o raio com eles. Hitoma ameaçou o maior de todos os bichos, três vezes e, depois, quatro, com o sono do tio. O bicho dormiu. Aí Hitoma o arpoou com o raio. Hitoma cortou com o raio a ponta do rabo do bicho, e esse pedaço virou veado. Cortou com o raio a cabeça do bicho e essa cabeça virou anta. Por isso, velho come anta e veado. Crianças e moços que comem carne de veado e de anta têm dor de dentes. O bicho morreu. E a história acabou.

O aparecimento do fogo

Antigamente o Fogo não existia, mas os Uitotos não sentiam falta dele, porque não comiam carne de caça: só comiam frutos. A moça Hiteroegueça, filha do velho Monadjururama e da velha Hiteroegueça, vivia presa em casa, sentada sobre folhas de buriti.

Uma noite veio a Minhoca-grande e encontrou a moça cochilando, de pernas abertas e entrou pelo sexo dela.

A moça Hiteroegueça ficou prenha.

Então o espírito da minhoca, no outro dia de manhã, disse àquela moça:

– Quando sentires as dores do parto, vai parir na ponta da terra do igarapé.

Nove meses depois Hiteroegueça sentiu as dores do parto e foi procurar a ponta de terra do igarapé para parir.

Seu pai e sua mãe não sabiam de nada.

A mulher pariu, no escuro, um menino. E, cobrindo-o com uma panela, voltou para casa.

Cinco dias depois voltou à ponta de terra do igarapé e levantou a panela. Ali não estava mais o menino, mas um pé de mandioca – as raízes mergulhadas na terra e na água e os galhos cheios de frutas boas: abiu, ananás, banana.

As raízes da mandioca já estavam escumando.

Vieram as piranhas procurando frutos e derrubaram o pé de mandioca. Ficaram só as raízes da mandioca.

A mulher saltou e ficou em cima de um pau no meio do igarapé. O espírito do menino lhe disse, então, que estava encantado naquela mandioca. Hiteroegueça virou ali mesmo macaco-leão. Nisto apareceu a velha Bacurau, que era Dona do Fogo e vinha fazer beijus com as raízes de mandioca. Atrás dela vinha um menino na costa da sua mãe.

O menino disse:

– Mãe. A velha Bacurau tem fogo na boca. Toma-o dela.

A mulher foi arranjar algodão e deu ao filho. O menino saltou em cima da velha Bacurau e tirou-lhe o fogo da boca.

A velha Bacurau zangou-se e foi embora amaldiçoando o menino que lhe roubara o fogo. O menino deu o fogo à sua mãe.

Então, apareceu o diabo e levou o menino consigo.

Foi aquela mulher quem ensinou aos Uitotos a assar toda carne de caça.

Origem dos Uitoto

Um dia começou a sair gente de um grande buraco. Na frente apareceu logo o preto.

No lugar onde o preto pôs os pés apareceu água, formando um lago. Havia pouca terra por ali.

Toda aquela gente ficou se banhando n'água daquele lago. Então, o gafanhoto cantou:

– O sol já vem! O sol já vem!

E, antes do sol aparecer, a Caba cortou o rabo de toda aquela gente. E os que foram saindo do buraco, depois do sol ter aparecido, viraram coatá, ficaram com rabo.

Os que se estavam banhando viram, dentro do lago, o Agároraíocomuíde, que era o chefe dos Uitoto.

Aquela gente estava com fome.

Fizeram peneira, puçá, jiqui, rede para pegar Agároraíocomuíde, que era o chefe dos Uitoto.

Não conseguiram. Então, a gente negra arpoou o chefe dos Uitoto.

– Vocês mataram o vosso chefe; agora vocês não têm quem vos ensine e defenda.

Todos queriam comer a carne daquele chefe. Mas não tinham fogo para assar e a cozinhar.

– Não tenho fogo – disse um.

– Eu também não tenho – o outro dizia.

Veio o Morcego-branco e disse àquela gente:

– Eu vou buscar fogo para nós.

E foi.

A Estrela-d'alva estava no céu, bem no alto. O Morcego voou até ao lugar onde ela estava. Encheu a boca de fogo e voltou para o meio daquela gente.

Assaram a carne do chefe dos Uitoto. E fizeram a festa para comer.

Foi nessa ocasião e daquele buraco que nasceram os Iviacuêne, Nogone, Caiduare, Oiuêne, Dorivo.

VOCABULÁRIO DA LÍNGUA UITOTO

A tribo Uitoto caracterizava o ambiente em que vivia, bem como as coisas e os fenômenos naturais, com os vocábulos seguintes:

– A –

Abano – torei
Abiu – hificogue
Acabou – racoede
Acará – orinio
Acará-açu – caganio
Água – henui
Alegria – iobidén
Algodão – raiquié
Ali – baie
Alto – are
Amanhã – icohíte
Amarelo – boraréde
Ananás – rocide
Andar – macade
Ano – heamona ídjaque
(outro verão começou)
Anta – hegademá
Antigamente – nano
Anun-corcoroca – uñoco
Ânus – móifo
Aquela – náí
Aranha – homa
Arara – era
Arco-íris – djoiréu
Areia – cuinediê
Ariramba – djiédo

Ariranha – efuié
Árvore – amêna
Assado – ruica
Açaí – néhe
Avó – oçunio
Avô – oçuma
Asa – iáico
Azul –mocrete

– B –

Bacaba – direhê, icehê
Bacurau – fácua, mogaré que
Baço – hacuéve
Baixo – ianoride
Banana – ógodo
Banzeiro – bate
Barba, bigode – armaque
Barraca – hófo
Barranco – icône
Barriga – fénague
Barriga da perna – miaje,
miare
Beber – riroacaduque
Beija-flor – fícido
Beiju – airida
Bem-te-vi – etoci
Besouro – hudiaconio
Bexiga – bodiro

Bíceps – naredjo
 Bico do peito – mono muído
 Bigode (barba) – anaque
 Bochecha – caca
 Bola – uiqui
 Bom – máre
 Borboleta – tetêbe
 Borboleta azul –
 ranabudgêgue
 Boto – amana
 Braço – onofuai
 Branco – racudja, hirama
 Brasa – cóque
 Brincar – rifanote
 Brinco de mulher – refoiçe
 Bunda – moidj i
 Buraco – ifo
 Burduna – bigue

– C –

Cá – bie
 Cabeça – ifógue
 Cabelo – vótera
 Cabelo do púbis – hueque
 Caçador – rautê (a longo)
 Cachoeira – nóvico
 Cachorro-do-mato – hico (?)
 Calcanhar – taicide
 Calor – riórède
 Camaleão – cio
 Camarão – hóga
 Caminho – naço
 Campo – tifuire
 Cancã – icacânto
 Canela – dj aída
 Canoa – nocarái

Capim – haitiquino
 Caranã – eréri
 Carapanã – uidódo
 Carcaz – guidjago
 Carne – iéce
 Caroço – niequique
 Casca (de árvore) – igóre
 Caveira – efoiguigore
 Centopeia – férecio
 Certo – uádj otê
 Céu – mōna
 Chato – diaréde
 Chorar – éde
 Chuva – nóque
 Cinco – dabecuiro
 Clitóris – dicoma
 Coatipuru – quiquínio
 Cobra – raio
 “coral – éganio
 “papagaio – uique
 “surradeira – djoimenico
 Coca – gibói
 Comer – ijunõ
 Comida – guitié
 Concha de rio – guioro-niú
 Coração – cumequire
 Coroa – noiquire
 Correnteza – tôtê
 Correr – aicide
 Coruja – monoíço
 Cozido – céga
 Costa – êmondoque
 Cotia – fuido
 Cotovelo – taiquidjure
 Coxa – haco, híaco
 Crista – ifoiguebaro
 Cuidado – cédale

Cujubim – muidoque
Cunhado – oiima
Cunhada – oitãno
Curimatá – noiquito
Cuspo – tuáque

– D –

Dedo – onoque
Deixa – damaite
Dele – oniimai
Dente – icido
Dez – nagafebequiro
Dia – monaidê
Doença – duico
Dois – mênaiide

– E –

Ele – iuuré
Enteado – erecama
Encantado – idjémuidomo
Enterrado – rága
Envireira – irida
Escada-de-jaboti (cipó) –
djuicuruo
Escroto – inhigue
Esperma – uqui
Espeto – hêdica
Espinho – édo
Espírito – rorênio
Espirar – açerite
Esta, e – bie
Esteio – goguira
Estrela – ocudo
Estrela da manhã – monaecu-
do

Estrela da tarde – ificorenio
Eu – cõe
Excremento – némuie

– F –

Faca (de taboca) – quéfai
Fagulha – énicane
Fantasma – rorênio
Febre, febril – abiucaride
Fígado – bânui
Filha – iça
Filho – ito
Fino – dibiréde
Flecha – ceda
Flechinha – uibáre
Flor – caféde
Floresta – iriréde
Fogo – ire
Folha – hábe (papel)
Folha de fumo – dêobe
Formiga de fogo – équinióna-
haide
Fornicar – uiéride
Forte – marida
Fraco (não presta) – mara-
niéde
Friagem – rodime
Frio – rociridé
Fruto – djicide
Fumaça – oididé
Fumo (tabaco) – diéra

– G –

Gafanhoto – fiódo
Gafanhoto serrador – djani-

cônio
 Gaivota – teja (soa terra)
 Galho – ônogai
 Galinha – ataua
 Garça – méni (branca)
 Garça – hóde (azul)
 Gavião-real – mairânio
 Gengiva – icique
 Genro – niécore
 G'a – nofanio
 Jiboia – amaçi
 Glande = gamo – héro
 Gordo – muiróque
 Gosma – muiroque
 Gostar – onagáidunque
 Grande – adjué
 Grávida – uruécide
 Grosso – adjué

– H –

Himen – utáde
 Igapó – icóre
 Igarapé – idjiétué
 Incestuosa – hitômaguece
 Incestuoso – hicorigue
 Inhambu – djótoro
 Inverno – uaiquidedje
 Irmã, irmão – ama
 Íris (olho) – coréquido

– J –

Jaboti – odjereminio
 Jacamim – baquita
 Jacaré – naima
 Jacina – amudjique

Jacundá – iâma
 Jacuraru – quêma
 Jamaxi – quiriga
 Jararaca – iuana
 Jejum – guniéde
 Jiqui – çeda, irida
 Joelho – caniquêvo
 Juruti – fuecanio

– L –

Lábio – fuéigo
 Lacrau – acaído
 Ladrão – fuiréde
 Lago – rorái
 Lágrima – éde
 Leite (látex) – éde
 Leve – ménide
 Liga de braço de homem e de
 mulher – djómani
 Língua – eirfe
 Longe – arité
 Lontra – hitiróquinio
 Louro – efiuca.
 Lua – fuiui (m)
 Luar – marenn-ui-toma
 Luz – ira

– M –

Macaco-barrigudo – hemêi
 Macaco-caiarara – homa.
 Macaco-de-cheiro – tidi
 Macaco-coatá – guáme
 Macaco-guariba – ia
 Macaco-leãozinho – çumique
 Macaco-da-noite – himóque

Macaco-parauacu – hidóbe
 Macaco-prego – eiahõma
 Machado – djaigo
 Machado pequeno – mego-
 runio
 Mãe – êi
 Magro – iaronaité
 Maguari – curuto
 Mandioca – ruidjire
 Mão – onodi
 Mapati – cirico
 Maracanã – êrade
 Marajá – djajéda
 Marianita – irídique
 Marido – oine
 Mato – racique
 Matrinxã – ruidone
 Masturbação – hidinêcete
 Mau (não presta) – maraniéde
 Meato – ucófe
 Mel – quifó
 Mergulhão – nibódo
 Mentiroso – tanodjoto
 Meu, minha – coé
 Mijo – bodide
 Mijar – bodisaideco
 Milho – bédjado
 Minha – coé-í?
 Miolo – tiéme?
 Minhoca – cuio
 Moça – hitânio
 Morcego branco – hidocuiha-
 oadiréque
 Morcego branco – uguanho
 Moquém – çaié
 Morte – fioidéte
 Mulher, esposa – oáli

Muirapiranga – quiritênio
 Mutuca – mocódi
 Mutum – afóque

– N –

Nadar – êidei
 Nádega – moidji
 Nariz – dóre
 Narrador de histórias – bune-
 mara-mana
 Neta, o – ito
 Nevoeiro – oidjiêde, imane
 oidjiêde
 Noite – nágo
 Nora – mio
 Nós – uana
 Nosso – caige
 Nuca – quimado
 Nuvem – naride

– O –

Olhar – erouóde
 Olho – uici
 Onça grande – hanadjári
 Onça maracajá – djamoronio
 Onça maracajá pequena –
 didicuaru
 Onça-pintada – hiráco
 Onça-vermelha – édoma
 Ombro – fecaidjeido
 Onde – neuome
 Ontem – nauide
 Orelha – héfo
 Osso – idjáque
 Ovo – hêgue

– P –

Paca – êrnei
 Pai – morna
 Pálpebra – uicicóro, uicóro
 Panela – nôgo
 Panela grande – nogore
 Papagaio-coroa – cuiódo (?)
 Papagaio-da-beira-do-rio – uéo
 Papagaio-da-terra-firme – çaroque
 Papo – uorêgo
 Patauá – comahí
 Patinho – cugue
 Pato – nóco
 Pau de balsa – fenaque
 Pé – éidi
 Pedra – nifique
 Pedra de fogo – cadjáque
 Peito de homem – ógobeide
 Peito de mulher – mono
 Peito do pé – éidiémodo
 Peixe-boi – hejádemá-edjéne-duma (anta da água?)
 Peixe-cachorro – ofáibe
 Pele – nécuio
 Pelo do púbis – hueque
 Pena – ibe
 Pente – hibôni
 Pequeno – ranoréde
 Periquito – gairicone
 Perna – eidade
 Perto – iaréde
 Pesadelo – ranabacuéfana
 Pesado – mérede
 Pescada – nofidio

Pescador – aimaramé
 Pescoço – quimágo
 Pestana – uicitera
 Pica-pau – rócadirene, tui-erênio
 Pingo (de chuva) – éciódédje
 Piolho – ibôma
 Piranha – imênia
 Pirapitinga – tigábinio
 Pirarucu – gadi
 Piúm – êinique
 Planta do pé – eidiero
 Pomba-galega – fuiquiri
 Porco – mero
 Porta – naçe
 Pote – djiéroda
 Praia – guarurama, coinedjé
 Preguiça (animal) – djaino
 Preto – ritodjague
 Prima, o – ama
 Primeiro – oniimé
 Pular – daiade
 Pulmão – háfaique
 Puraquê – tó

– Q –

Quatro – nagaamaite
 Queimar – ôcide
 Queixada (porco) – emo
 Queixo – aimaco
 Quem – bui-é

– R –

Raia – córenio
 Raio – améu

Raiz – hainau
 Ramela – muiroque
 Rapaz – cunerué
 Rato (peito branco) – minte
 Rato (peito preto) – niuçu
 Rede – quinaí
 Rede para apanhar animais –
 djoiri
 Redemoinho – córapo
 Redondo – ituba
 Relâmpago – boride
 Remador – haraima
 Remo – harafai
 Resina – iclii
 Resina de sorvete – iqui
 Rins – tucuréri
 Rio – êmani
 Rir – ráicite
 Rolha (de papel) – hábe
 Roncando – hicoquitê
 Rouxinol – quinedoidjema

– S –

Safadeza – uárico
 Santo – fenare (de renaque)
 Sapo-cururu – curéque
 Saracura – toça
 Sardinha – madivai
 Segundo – hiameé
 Seiva – hénuidia
 Semém – uqui
 Semente – niequique
 Sete-estrela – ucuvo
 Sexo (h) – hédina
 Sexo (m) – hiáne
 Sobrancelha – uinacaibé

Sogra – hifano
 Sogro – hifai,
 Sol – itôma (h)
 Solteiro – ainiédo
 Sombra (de gente) – hánaba
 Sonho – inêide
 Sono – hárué
 Surubim – ináida
 Sucuriçu – nôio
 Surucueu – monare

– T –

Tabatinga – hinhoraque
 Tamanduá-bandeira – érênio
 Tamanduá-colete – dôbode
 Tamanduaí – nonoco-quenio
 Tamaquaré – riciagoda
 Tambaqui – dioba
 Tamoatá – énico
 Taniboca – méroçigue
 Tapagem – dorécotête
 Taracuá fino – raraquini
 Tartaruga – menino
 Tatu-canastra – hicodainanó
 Tatu-grande – niénenio
 Tejuco – sacób
 Telhado (de caranã) – enêco
 Tempestade – alfuibidje
 Terra – enêei
 Testa – uiéco
 Teu – cié
 Tia – êi
 Tição – iráique
 Timbó – fuiana, fuiau
 Tio – iço
 Tipiti – inaraco

Tipoia – rêrêfe
 Tornozele – taiciconhe
 Tossir – téide
 Trabalhar – mahiduque (está
 trabalhando)
 Traíra – hidêmo
 Travessão – icoi
 Traz – atébeni
 Tremer (com febre) – çuinóde
 Três – daimanite
 Treva – hitiréde
 Tripa – hébe
 Tristeza – coméque facáduque
 Trovão – gurude
 Tu – ó
 Tucano – nocaído
 Tucum – niéquero
 Tucunaré – çani
 Tuiuiú – ámenoicado

– U –

Uaranarana – garadoaí
 Uirapuru – totigoma
 Um – dáde
 Umbigo – mutida
 Unha – onocobe
 Urina – bodide
 Urinar – bodisaideco
 Urubu – ino-ino
 Urubu-rei – ino

– V –

Vaga-lume – ébinio, jacudo
 Valente – rêriédo, reiréde
 Veado – quito

Veado-roxo – djaúba
 Veia – niécuió
 Velha – oáquimá
 Velho – oaquirná
 Veneno – álfoi
 Venta – dovoifo
 Vento – bétade
 Verão – fuémona
 Vermelho – riaréde
 Via látea – haiaráfe
 Vinho (refresco) – hágabe
 Virgem – niáotanégue
 Vitória-régia – nuioguiê
 Viúva – fequima
 Viúvo – fequinio
 Vomitar – quêquéde

– Z –

Zangado – coé-iquirité
 Zarabatana – obidjáca

FRASEOLOGIA UITOTO

1. A alma foi para o outro mundo: horênio abibeconio raide.
2. Abre a porta: Naçé icone
3. Conta! Conta!: djoinome! djoinome!
4. Contador de história: bunemara mana.
5. Desmancha!! Desmancha!!: çui! çui!
6. Está sonhando: nécarite
7. Estar com frio: roiçinéde aite
8. Estás aí: iteó que di.
9. Estou aqui: êh, êh iteó qué.
10. Estou zangado porque não chegou notícia: coé bebiniéd corá bebeuied.
11. Eu tenho: coé moite.
12. Eu não tenho: coé moiniéde.
13. Fecha a porta: naçe iba.
14. Já vem chuva: nóque déa bidja
15. Já vou: raraidique.
16. Minha irmã: coé ama.
17. Minha neta: coé ito.
18. Minha tia: coé êi.
19. Não quero: guniéde.
20. Aonde vai: neneráido.
21. Outro verão começou: hêamona idjaque
22. Quero dormir de boca a-berta: iniacaduque afarite
23. Tu tens: omoite.
24. Vai embora: raimânia.
25. Vem cá: bie beni.
26. Vem comer: guiça bide.

BIBLIOGRAFIA

Para um estudo mais amplo, que pretendia fazer entre os UITOTO localizados em Maturá, no município de São Paulo de Olivença, Estado do Amazonas, organizei uma bibliografia que poderá ser útil aos estudiosos dessa tribo avaliada, ainda há poucos anos, em 20.000 almas e cuja língua harmoniosa, na expressão de Koch-Grünberg, “não apresenta nenhum parentesco com a família caraíba”, sendo considerada modernamente por Paul Rivet uma língua isolada.

Muito me vali do tomo II da AMAZÔNIA COLOMBIANA AMERICANISTA (n.º 4-8, ano de 1944), para a organização da presente bibliografia, mas, também, de outras fontes de leitura, na Biblioteca do Museu Paraense Emílio Goeldi e na Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro.

As indicações mais recentes são devidas à obra de George Peter Murdock, *OUR CONTEMPORARY PRIMITIVE*.

ARBELAEZ, PERIEZ. *Plantas útiles de Colombia*. Imp. Nac. Bogotá, 1936.

BATTINI, VIDAL DE BETA, ELENA. *La Leyenda de la ciudad perdida*. Separata das Relações da Sociedad Argentina de Antropologia. Buenos Aires, 1942.

BATET, P. NARCISO DE, O. F. M. CAPO. *Relación de la excursión por el Putumayo hasta los indios del Peneya*, Carta ao Superior Regular fechada el 24-IX-1928, en Mocoa. pp. de ofício inéditas.

BOXLER, KARL. *Bei den Indianern am Putumayo – Strom*. Friburgo (Suiza). Ed. Kaniuswerk, 1934, p.º 265-270 Y 284-286.

CASTELVI, P. MARCELINO DE, O. F. M. Capo. *Algunos cuentos de la tribu IFUKUÉME relacionados con la subtribu de Salado Grande*. Sidunboy, 1932. Manuscrito inédito.

CASTELVI, P. MARCELINO DE, O. F. M. Capo. *Fragmentos de encuesta sumária del buitoto de Guepi y Peneya*

- (INFIKUÉNE). Informador Francisco Infikwene. Bidunboy, 20 – VII – 1933.
- CORTS LES, P. ESTANISLAO DE, O. F. M. Capo. “Datos y tradiciones sobre los pueblos de indios huitotos y orejones de “mas abajo de la Concepcion”. Em *Informes sobre las misiones del Putumayo*. Bogotá. Imp. Nac., 1913.
- CORTS LES, P. ESTANISLAO DE, O. F. M. Capo. Entre los huitotos del Alto Putumayo (Caimitos). Descripción de sus bailes y de algunas costumbres. Em *Informes de las misiones catolicas de Colombia de los años 1919-1921*. Bogotá. Imp. Nac. 1921.
- CLAES, F. Chez les Indiens Huitotos et Correguaies. *Bulletin de La Société Royale Belge de Géographie*, vols. LV – LVI. Bruxelles, 1931-32.
- CRÉVAUX, JULES. *Voyages dans l'Amérique du Sud*. Paris, 1883.
- CALELLA, P. PLACIDO DE. Missionero O. F. M. Cap. *Breve lista de vocablos muinane – witoto de Piñuña Negro*. Puerto Assis. Ms. inédito. Marzo de 1933. En el Archivo CILEAC, de próxima publicación.
- FARABEE, W. C. Indian Tribes of Eastern Peru. *Papers of the Peabody Museum of American Archaeology and Ethnology*. Vol. X. Cambridge, 1922.
- GRÜNBERG, THEODOR KOCH. Les Indiens Ouítotos, étude linguistique. Em *Journal de la Société des Américanistes*, de Paris, 1906.
- _____. *Die Indianerstämme am oberen Rio Negro und Yapurá und ihre sprachliche Zugehörigkeit*. Zeitschrift für Ethnologie. Vol. XXXVIII. Berlin, 1906.
- GRAEBNER. *Méthode der Ethnologie*. Reidelberg, 1911.
- GARZÓN, P. LUIZ BELTRAN DE, O. F. M. Missionero y Capelán militar.
- _____. *Encuestas lingüísticas de várias línguas y dialectos de la región de Tarapaca*. Ms. En el Archivo de CILEAC de próxima publicación.

- HARDENBURG, W. C. The Indian of the Putumayo, Upper Amazon. Em *MAN*, vol. X, Londres, 1910.
- IGUALADA, P. BARTOLOIVJÉ DE. O. F. M. Capo als Huitoto of the Hugumani. Una Superstición de los Indios. Em *Catalunya Franciscana*. Barcelona, ano II, 1924.
- _____. Sobre los indios Caimites Sebuas, etc., del antiguo Guepi V algunos de Pefia Blanea (Putumayo), cerca Remolino. Em *Informes de la mission del Caquetá en 1930-31*. Bogotá. Imp. Nac., 1932.
- JARAMILLO, A. ROBERTO. *Monografías botânicas, Totumas y cuyabras*. Universidad de Antioquia. Medellin, n.º 53-54, 1942.
- MANRESA, P. FRUCTUOSO DE, missionero O. F. M., Capo. *Encuestas linguisticas sumárias dei dialecto mui-nane-witoto (dei grupo manekka, farnilia lînguística Witoto)*. Inéditos do Archivo de CILEAC, de próxima publicación.
- MALARET. *Dicionário de americanismos*. San Juan de Puerto Rico. Typ. Venezuela, 1931.
- MARTIUS, F. KARL. *Beiträge zur Ethnographie und Sprachenkund America*, 1867.
- NIMUENDAJÚ, CURT. *Vocabulário da Língua Uitoto*.
- PREUSS, KLT. Bericht über meine archäelogischen un ethnologischen Foorschung reisen in Kolumbien. *Zeitschrift für Ethnolologie*, Vols. LII-LIII. Berlim, 1920-21.
- _____. *Religion und Mythologie der UITOTO*. Göttingen. Ed. Vandenhoeck. Tomo I, 1921; t. n, 1923.
- PINELL, P. GASPAR DE, O. F. M. Cap. *Notícias remetidas ai padre prefecto, de 1917-1918*. Bogotá. Imp. Nac., 1918.
- QUITO, P. JACINTO DE, O. F. M., Cap. *Relación de viaje... entre las tribus uitoto*. Bogotá. Imp. Nac. "LA LUZ", 1908.
- RESTREPO, MILLAN. *Chigys mie: Leyendas Chíbchas, da Condessa Gertrudis von PODEWILS-DURNIZ*. Bogotá. "CROMOS", 1930.

- RICARD, ROBERT. La diffusion de la légende des Sept Cités en Amérique. Em *Journal des Américanistes*. Paris, XXVIII, 1936.
- SCHMIDT, HERMANN. Die Uitoto – Indianer. Ed. por Koch-Grünberg. Em *Journal des Américanistes*. Paris, Nouvelle Série, vol , VII, 1910.
- STEWART, JULIAN H. The Witotoan Tribes. *Handbook of South American Indians*. Smithsonian Institution. Vol. 3, 1948.
- TESSMANN, G. *Die Indianer Nordost – Perus*. Hamburgo, 1930.
- TORTELLA, P. CLEMENTE DE, O. F. M., Capo. *Censo de los Sebúas y – Kalmitos de Güepi*. Ms, inédito, 1928.
- VEHRHAN KARL. *Die Sage*. Handbuecher zur Volkskunde . Vol. I. Leipzig . W. Heims, 1908.
- WHIFFEN, T. *The North-West Amazons*. Londres, 1915.
- _____. A Short Account of the Indians of the Issa - Japura District. *FOLKLORE*, vol. XXIV. Londres, 1913.
- WUNDT. *Volkerpsychologie: eine Untersuchung der Entwicklungsgesetze von Sprache. Mythos und Sitte*. Leipzig, 1911-1915. 2.^a ed. (6 vols).
- WOODROFFE, J. F. *The Upper Reaches of the Amazon*. Nueva York, 1914.



Este livro foi impresso em Manaus pela **Gráfica Moderna** – o miolo e capa – foram feitos pela Cultura Edições Governo do Estado



Para lhe limpar o estômago, davam-lhe de beber água de *cedrereila*.

Para se casarem obedeciam à seguinte tradição: o pretendente à mulher, pedia-a ao pai e, se ela fosse órfã, pedia ao tio mais velho e, assim, sucessivamente, até pedi-la ao avô ou à mãe.

O pretendente era assim obrigado a trabalhar para o sogro. Quando acabava de trabalhar levava a mulher para a casa dos seus pais. Eram monógamos. Não admitiam relações entre parentes próximos. Ao encontrar uma tia o sobrinho voltava o rosto de lado e a deixava passar.

Quando nascia uma criança não faziam festa, mas obedeciam a um resguardo que chamavam *fuimáde*.

Ao umbigo da criança, que a própria mãe cortava, chamavam *rêquima*.

Se a criança era do sexo masculino o pai lhe dava um destes nomes.

As mães carregavam os filhos em tipoias, que eram feitas de tururi branco, sendo algumas artisticamente pintadas. Morto qualquer indivíduo, era enterrado no centro da casa, que continuava a ser habitada pela família. Era enfaixado (entaniçado) com tururi e enterrado deitado. Não festejavam os mortos como não festejavam, também, casamento.

ISBN 856421850-X



9 788564 218505

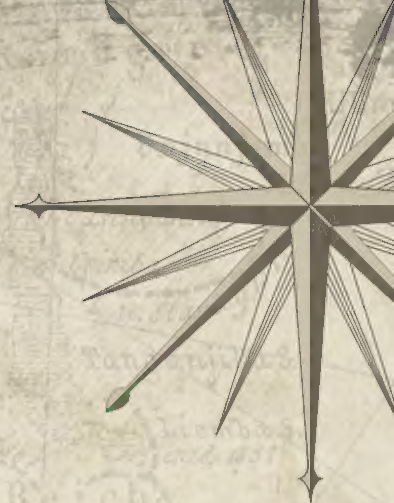
Secretaria de
Estado de Cultura



TRABALHANDO PARA
CRIAR OPORTUNIDADES



AMAZONAS
GOVERNO DO ESTADO



Comunicado

As imagens, textos e obras disponibilizadas pelo Centro de Documentação e Memória da Amazônia estão na maioria em domínio público ou possuem termo de cessão para publicação da versão digitais produzida pela Secretaria de Cultura.

Se porventura, você identificar alguma obra que não esteja de acordo com a Lei de Direitos Autorais (lei 9.610/98), entre em contato conosco para que possamos identificar e proceder com regularização.

O objetivo da Biblioteca da Amazônia na disponibilização das versões digitais é a preservação da memória e difusão da cultura do Amazonas e região norte do Brasil, sem prejudicar os direitos patrimoniais do autor, herdeiros ou quem possuir o direito de uso.

O uso destes documentos digitais, digitalizados ou nascidos digitais são apenas para fins pessoais (privado), sendo vetada a sua venda, edição ou cópia não autorizada.

Lembramos, que esses materiais podem ser encontrados nos acervos do Sistema de Bibliotecas Públicas da Secretaria de Cultura e Economia Criativa e seus parceiros.



**ACERVOS
DIGITAIS**

https://beacons.ai/cdmam_sec

FALE CONOSCO

(92) 3090-6804

cdmam@cultura.am.gov.br

acervodigitalsec@gmail.com

**Secretaria de Estado
de Cultura e
Economia Criativa**



**CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E
MEMÓRIA DA AMAZÔNIA - CDMAM**